

IDEOLOGIA PÓS-MODERNA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Luís César de Souza

Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFG

RESUMO

Esse estudo é fruto da dissertação “Ideologia pós-moderna e educação física: uma análise teórico-crítica”, defendida em Setembro de 2006 no Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Nele, discutimos a gênese e sentido da denominada “ideologia pós-moderna” e os desdobramentos dos seus principais postulados no âmbito da produção do conhecimento na educação física. Verificamos a presença de premissas que, embora não se anunciem como pós-modernas, aceitam a idéia de crise dos princípios, valores e concepções que demarcam o projeto moderno da emancipação humana, conectando-se aos postulados e impulsionando a ideologia pós-moderna.

ABSTRACT

This study is a result of the dissertation “Ideology post-modern and physical education: a theoretical-critical analysis, defended in September of 2006, at the Master’s degree in Education of the Education Faculty of the Federal University in Goiás. Since of it, we discussed the genesis and the sense of the called “post-modern ideology” and its unfoldings of its main postulated based on the knowledge production at the physical education. We verified the presence of the premises that, although they do not consider themselves post-modern, accept the idea of crisis of the principles, values and conceptions that delimit the modern project of the human emancipation, connecting to the postulated and stimulating the post-modern ideology.

RESUMEN

Este estudio es fruto de la disertación “Ideología post-moderna y educación física: un análisis teórico-crítica”, defendida en Septiembre de 2006 en el Master en Educación de la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Goiás. En este estudio, discutimos la génesis y sentido de la denominada “ideología post-moderna” y los desdoblamientos de sus principales postulados en el ámbito de la producción del conocimiento en la educación física. Verificamos la presencia de premisas que, aunque no se anunciem como post-modernas, aceptan la idea de crisis de los principios, valores y concepciones que demarcan el proyecto moderno de la emancipación humana, conectándose a los postulados e impulsando la ideología post-moderna.

IDEOLOGIA PÓS-MODERNA E SOCIEDADE

O entendimento do que hoje vem ocorrendo com a organização social bem como com os sujeitos que a constituem exige a retomada de alguns ideais que demarcam a modernidade, pois, segundo Berman (1986), no mundo modernizado podemos aprender de maneira considerável com os primeiros modernistas não tanto sobre o seu, mas sobre o nosso próprio tempo.

Para Hobsbawm (2001), a sociedade capitalista se consolida a partir de dois grandes acontecimentos: a Revolução Industrial e a Revolução Burguesa, ocorridas respectivamente na Inglaterra e na França no século XVIII. Isso porque esses acontecimentos representaram decisivas mudanças no modo de compreender o mundo: os

valores, as concepções de homem e sociedade, as concepções filosófico-científicas, a cultura, o progresso, o projeto iluminista, enfim, essa dupla revolução consolidou a passagem da forma de organização social que prevaleceu no período medieval para uma outra forma de organização que se instaurou com o primado da razão, em contraposição a qualquer tipo de mistificação.

No final do século XVIII, perguntado sobre o que é o Iluminismo, Kant (1995, p. 11) o define como “a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado”. Consiste em conduzir o espírito humano duma condição de heteronomia para uma posição de autonomia. A superação desse estado de heteronomia exige que o homem tenha coragem de se servir do próprio esclarecimento.

No entanto, se os “primeiros modernistas” anunciaram que o esclarecimento pelo primado da razão promoveria um desencantamento das mistificações do mundo, instaurando uma sociedade livre constituída por homens autônomos, Horkheimer e Adorno (1985) advertem que, na sociedade contemporânea, a razão autônoma foi submetida à primazia da racionalidade técnica. À medida que o desenvolvimento científico aperfeiçoava, as tecnologias se desenvolviam e as forças produtivas se transformavam, a dimensão instrumentalizada da razão tornava-se predominante em detrimento de sua dimensão autônoma, numa sociedade cada vez mais administrada, burocratizada e unidimensionalizante (MARCUSE, 1967). O diagnóstico da instrumentalização da razão somado às atrocidades ocorridas na primeira metade do século XX levaram esses pensadores a sugerirem que a sociedade estaria regredindo à uma barbárie primitiva.

No século XX, dois períodos podem confirmar tanto a barbárie quanto o refluxo dos princípios e valores que pretendem a autonomia e emancipação humana. O primeiro foi marcado pelos grandes genocídios e o segundo pelo desenvolvimento sem precedentes da sociedade industrial. Na primeira metade do século XX, o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção da sociedade industrial levou as grandes potências mundiais a entrarem em conflitos quanto aos interesses, sobretudo, econômicos, motivo pelo qual Hobsbawm (1995) considera essa etapa como uma era de catástrofes, caracterizada por uma barbárie que, agora, imprimia um ritmo e uma dimensão de destruição até então inéditos. As idéias e os princípios que pretendem o homem livre e autônomo são reprimidos não pelo confronto político-ideológico, mas pela força das armas.

As necessidades da guerra fizeram com que a produção industrial aumentasse decisivamente e, conseqüentemente, no período após a Segunda Guerra Mundial, seguiu um acentuado desenvolvimento das forças produtivas, impulsionando a produção e criando as condições para a sociedade contemporânea. Hobsbawm (1995) entende que essa onda de crescimento segue até a década de 1970 e a considera como a era de ouro do capitalismo, na qual as forças produtivas baseadas na ciência e na tecnologia se desenvolveram significativamente e, do mesmo modo, as relações de produção foram ressignificadas, tornando mais velado ainda o processo da exploração do trabalho social. O aperfeiçoamento do aparato tecnológico tem colaborado para que a repressão que caracteriza a sociedade atual seja escamoteada, naturalizada. O desenvolvimento de formas de controle cada vez mais sutis, como a indústria cultural, colabora para que os indivíduos não se indignem contra as atrocidades produzidas por eles próprios e, à medida que vai sendo condicionado a aceitar espontaneamente o que é oferecido pelo sistema, a crescente burocratização dos hábitos e costumes afasta qualquer sentimento de culpa por tais atrocidades.

Essa nova etapa do desenvolvimento da sociedade capitalista foi considerada por alguns, como Lyotard (1986), de pós-industrial devido ao ritmo de desenvolvimento e abrangência do processo de produção. Assim, por causa do aperfeiçoamento do sistema de

troca de mercadorias, das forças produtivas altamente desenvolvidas, das relações de produção cada vez mais virtualizadas, estaríamos experimentando relações sociais e modos de vida que não correspondem mais à modernidade. A esse contexto Lyotard (1986) considera o marco de uma condição pós-moderna¹.

Do pensamento pós-moderno de Lyotard, quatro características merecem ser discutidas: incredulidade nas denominadas metanarrativas, crise da razão, jogos de linguagem para explicar as relações sociais, além de uma análise anti-histórica das contradições da modernidade.

As metanarrativas são refutadas porque, segundo Lyotard, existe nelas a pretensão em aspirar verdades universais e axiomáticas perante uma realidade efêmera, fragmentária, descontínua e caótica, inerentes à sociedade pós-industrial: “na sociedade e na cultura contemporânea, o grande relato perdeu sua credibilidade. A linguagem comunicativa universal deve ser substituída pelas pequenas narrativas” (LYOTARD, 1986, p. 69).

Pela primazia dos jogos de linguagem, o pensamento pós-moderno apresenta a idéia de que todos os discursos são absolutamente válidos para explicarem a realidade, independentemente do critério da verdade. Assim como as narrativas científicas, quaisquer outros relatos particulares tornam-se explicações válidas porque se constituem em lances apostados pelos seus jogadores. Desse modo, os saberes advindos do senso comum, de diferentes dogmas religiosos e de misticismos, merecem “um lugar ao sol”.

Outra característica do pensamento pós-moderno é a desconsideração da história como permanente vir-a-ser. A história universal é substituída pela história individual. Segundo Harvey (2003), a ideologia pós-moderna relega ao historiador o papel de simples arqueólogo do passado, reduz a história a uma sucessão de fatos isolados. Consequentemente, os conflitos intelectuais e sociais são considerados como exclusividade do momento presente. Por outro lado, numa concepção dialética da história, os antagonismos no plano das idéias constituem temas recorrentes na história das sociedades modernas.

Em decorrência da racionalidade instrumental que tem predominado na modernidade, a razão é apresentada como a causa dos males que se sucederam na modernidade, por isso, decreta-se sua crise. No entanto, para Harvey (2003), a suposta crise da razão relaciona-se antes com um retorno da filosofia pragmática de Dewey, a qual impede a compreensão do real na essência, além da aparência, pois o que importa são as questões imediatamente úteis, vinculadas a respostas rápidas a qualquer situação.

O reconhecimento de que o “programa de esclarecimento” (ou projeto iluminista) desviou o curso de seu caminho, desembocando no seu contrário pela proeminência da razão instrumental, implicando em mais repressão, nos impõe a necessidade de retomarmos uma perspectiva histórica e dialética para compreender os motivos que, ao longo da modernidade, aprisionaram a razão autônoma. De acordo com Horkheimer e Adorno (1985), abandonar os princípios que representam a possibilidade de autonomia e emancipação do homem não constitui caminho adequado, mas sim uma resignação à toda espécie de opressão gerada pelo sistema. Em vez de identificar a razão autônoma à racionalidade instrumental, exige-nos antes perguntar se a exploração, a repressão e os genocídios que ocorreram ao longo da modernidade decorrem das aspirações emancipadoras e libertárias ou se resultam da espoliação e da acumulação capitalistas.

¹ Nesse trabalho, o conceito de “ideologia pós-moderna” é utilizado no sentido de “agenda pós-moderna” apresentado por Wood (1999). Dada a dificuldade de uma definição clara do que venha a ser pós-moderno, Wood entende que esse conceito se caracteriza por uma espécie de relativismo epistêmico, pela rejeição, por parte de seus adeptos, de conhecimentos e valores universais, pois pressupõem que esses conhecimentos negam a diversidade de experiências, culturas e identidades humanas; o que perpassa todos os princípios pós-modernos “é a ênfase na natureza fragmentada do mundo e do conhecimento humano” (*Ibid.*, p. 13).

IDEOLOGIA PÓS-MODERNA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Não é comum, em educação física, encontrarmos uma concepção que se anuncie declaradamente pós-moderna. Malgrado algumas produções que, vez ou outra, incorporam alguns de seus postulados, como a idéia de crise da razão e do esgotamento do projeto moderno, de maneira geral pode-se dizer que, na produção do conhecimento em educação física, o debate sobre a ideologia pós-moderna ainda é escasso. No entanto, considerando que o debate no âmbito da epistemologia social mais ampla se desdobra na educação (GOERGEN, 2005), e que o debate no campo educacional mais amplo continua a influenciar a área de educação física (BRACHT, 2006), é de se supor que o debate sobre a ideologia pós-moderna e sua absorção pela educação física devem aumentar.

O reconhecimento de defensores e críticos de que a ideologia pós-moderna é um fenômeno relativamente recente para se chegar à sua definição exata – nova etapa histórica, novo modo de pensamento, lógica cultural do capitalismo contemporâneo – dificulta a discussão sobre sua influência na educação física. Ainda assim, estamos dispostos a discutir a seguinte questão: em algumas produções em educação física é possível identificar a presença de idéias que compõem e impulsionam a ideologia pós-moderna, as quais aceitam uma mudança do paradigma moderno ancorado em teorias universais e críticas da sociedade, na dimensão autônoma da razão, no conhecimento produzido a partir da relação sujeito-objeto, para um outro paradigma ancorado na recusa das matrizes teóricas construídas na modernidade. Aceitam ainda a idéia de que teorias modernas, como o materialismo histórico-dialético, são pretensamente totalizantes, associando-as a totalitarismos, e apresentam uma descrença na razão, admitindo a predominância da razão instrumentalizada, além de afirmarem a linguagem como recurso suficiente para a compreensão das relações sociais.

A discussão que se segue decorre de trabalhos apresentados no CONBRACE – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. A escolha do CONBRACE justifica-se porque este Congresso tem se constituído como principal *locus* de veiculação dos conhecimentos produzidos na educação física e nos esportes. Dentro do CONBRACE, priorizamos alguns trabalhos apresentados no GTT – Grupo de Trabalho Temático – Epistemologia porque, uma vez que priorizamos a discussão teórico-filosófica, a atividade epistemológica constitui uma reflexão de caráter eminentemente teórico (FENSTERSEIFER, 1999). Nesse GTT, destacamos produções que buscam subsídios teóricos em perspectivas que, mesmo não se anunciando como pós-modernas, impulsionam essa ideologia – como o pós-estruturalismo, teorias que defendem o denominado “giro lingüístico” e a idéia de desaparecimento do sujeito moderno.

Uma das vias que corrobora para a disseminação da ideologia pós-moderna na educação física é influenciada pelo pós-estruturalismo francês². Nogueira (2003), ao discutir as “Contribuições pós-estruturalistas para a educação física”, afirma que o “pós-estruturalismo vem se tornando *indispensável* para compreendermos o processo de

² Conforme Bracht (2006), alguns autores têm se esforçado para distinguir o pós-modernismo do pós-estruturalismo, argumentando que há diferenças entre seus objetos, suas histórias e o campo epistemológico de onde provêm. No entanto, e nos limites desse estudo, do ponto de vista dos fundamentos a perspectiva pós-estruturalista conecta-se ao pensamento pós-moderno de Lyotard de vários ângulos: desde o fato de descenderem do estruturalismo francês, o que os torna contemporâneos, até as investidas contra as “metanarrativas”, da aceitação da crise da razão e, particularmente, na suficiência da linguagem para a compreensão e explicação das relações sociais. Nesse sentido, se Foucault, Derrida, Deleuze e Gatarri não edificaram em suas obras uma teoria da pós-modernidade, por suas categorias, seus conceitos e fundamentos, o pós-estruturalismo impulsiona a ideologia pós-moderna.

produção de significados presentes no campo conflituoso de poder, fornecendo importantes contribuições para analisarmos os elementos da cultura corporal” (NOGUEIRA, 2003, p. 02; grifo nosso)³. No entendimento do autor, uma vez que a realidade é incerta, instável e fluída, é preciso deslocar o processo do conhecimento para a compreensão dos “significados” e “significantes” da realidade. Para que isso seja possível, é importante que a referência para a compreensão dessa realidade seja a linguagem. Ou seja,

a ênfase na questão da linguagem é refletida na própria percepção sobre o que seja a realidade. Enquanto a tradição epistemológica ligada aos pressupostos da modernidade pressupõe o desvelar de essências a partir de uma razão única e universal, o pós-estruturalismo dialoga a tendências pós-modernas. (NOGUEIRA, 2003, p. 02)

Como vimos, uma das características da ideologia pós-moderna é a recusa às “metanarrativas”. Esta característica também se faz presente na concepção defendida por Nogueira, pois para ele “a realidade está ‘entrelaçada’ com o discurso e, portanto, [...] não há uma metalinguagem, situada num metanível, não há uma metalinguagem ‘desimplicada’, com a qual e a partir da qual se possa dar algum sentido último a essa realidade” (NOGUEIRA, 2003, p. 03). A relação entre sujeito e história é enfocada de um ponto de vista das relações de poder que, com base em Foucault, “constituem o sujeito moderno”. Dessa forma, Nogueira entende que o sujeito “não é o sujeito centrado e consciente, possuidor de uma essência predefinida ou que esteja em busca de uma consciência perdida. O sujeito é uma *invenção histórica*, resultado e produto de *ações de poder*” (NOGUEIRA, 2003, p. 03; grifo nosso).

Aceitando a realidade como “incerta e indeterminada”, o autor sugere que a teoria pós-estruturalista, “por estar ligada a uma perspectiva pós-moderna, rejeita qualquer forma de totalização, de centramento ou de respostas únicas e acabadas. [...] Além disso, o pós-estruturalismo está mais preocupado com o processo do que com o resultado” (NOGUEIRA, 2003, p. 07), evidenciando, com isso, a sobreposição dos meios em relação aos fins.

Buscando justificar a imprescindibilidade da teoria pós-estruturalista para a compreensão das “significações” da cultura corporal, o autor compreende que o corpo está entrelaçado numa teia de poder que constitui a realidade social. Reforçando o postulado foucaultiano de que “o corpo entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe”, conclui que “os significados sobre o corpo são construídos por práticas materiais e discursivas, sendo que ambas não escapam das relações de poder que as constituem” (NOGUEIRA, 2003, p. 06).

Do ponto de vista de uma teoria crítica da sociedade, as justificativas e aspirações de Nogueira não contribuem para a compreensão dos fenômenos da realidade na sua universalidade. Embora, declaradamente, não seja essa sua intenção, a análise do fenômeno a partir da multiplicidade de variações que o cerca, uma vez desconectada da universalidade social, cultural, política e econômica, torna-se insuficiente e, com isso, reduz a análise do corpo e da linguagem corporal à compreensão de fatos isolados em uma realidade “incerta e indeterminada”. Desse modo, a perspectiva na qual apóia-se o autor dificulta a compreensão das veladas contradições da sociedade industrial contemporânea à medida que apresenta o contentamento em apenas compreender os fenômenos

³ Desde 2001, os anais do CONBRACE são organizados em CD-ROM. Assim, seguimos a paginação apresentada pelo autor e, no caso de autores que não colocaram a seqüência de páginas em seus trabalhos, indicaremos com um s/p.

isoladamente, positivizando a realidade e, além disso, considerando que qualquer aspiração que ultrapasse esse objetivo constitui-se em “totalitarismo” teórico.

O estudo “A linguagem em uma perspectiva hermenêutica e a atividade epistemológica na educação física”, de Fensterseifer (2005, s/p.), “busca trazer para a comunidade científica da Educação Física um conjunto de notas referentes à temática da linguagem tal como entendida pela Hermenêutica Filosófica”, pretendendo “dar publicidade” a um referencial que acredita poder fomentar o debate no interior da educação física. Fensterseifer (2005), apoiado em Ruedell, entende que a hermenêutica filosófica caracteriza-se

por não ter sua preocupação centrada no como, não é portanto uma técnica e não fornece também orientações para a interpretação. [...] A hermenêutica filosófica ‘apenas visa compreender o que torna possível a interpretação e a compreensão, ou seja, pergunta pelas condições de possibilidade de compreensão’ (FENSTERSEIFER, 2005, s/p.).

Essa busca “apenas” pela possibilidade de compreensão se dá pela tematização da linguagem, a qual justifica-se, segundo o autor, porque

‘são as formas discursivas que nos interessam na atividade epistemológica’, logo ‘a tarefa primeira da crítica epistemológica é a tematização da linguagem como ‘medium’ de produção de significações. É ela o nosso meio de acesso, não o ser, mas o discurso sobre o ser (FENSTERSEIFER, 2005, s/p.).

De acordo com o autor, a centralidade da linguagem, no sentido hermenêutico, produz na filosofia o denominado “giro lingüístico”, o qual “significa o deslocamento da questão da razão e da verdade do plano da relação sujeito-objeto, para o plano da linguagem” (FENSTERSEIFER, 2005, s/p.).

Instaurada a crise da modernidade, a verdade científica não poderá mais ser aspirada, uma vez que a validação do conhecimento científico dá-se em virtude de seu reconhecimento público como paradigma de um jogo lingüístico. Desse modo, aceita a idéia de que o conhecimento se dá pelo diálogo e não pelo encontro entre um sujeito e um objeto, o que significa, em certo sentido, a morte da metafísica (FENSTERSEIFER, 2005).

Do ponto de vista crítico-dialético, a linguagem pode contribuir para o entendimento dos fenômenos sociais, porém, desde que relacionada à materialidade, isto é, à ação concreta do homem e às contradições que se originam do modo de produção capitalista. Por mais que se afirme que a linguagem redefina, redirecione e ressignifique os conceitos e as relações sociais, é preciso não a abstrair ao ponto de desmaterializá-la, pois, supervalorizando-a, também corre-se o risco de sacralizá-la.

Alguns conceitos e fundamentos apresentados, como “o deslocamento da possibilidade de conhecer do plano da relação sujeito-objeto para o plano da linguagem”, ou a aceitação de que os conhecimentos estão sujeitos ao julgamento público pelo fluxo de “jogos de linguagem”, conectam-se à ideologia pós-moderna, pois, lembremo-nos que Lyotard (1986) reduz a constituição do vínculo social a partir de um jogo de palavras. Análise desse tipo, do ponto de vista de uma teoria crítica, é insuficiente para o desvelamento dos escamoteados antagonismos inerentes à sociedade contemporânea.

Os trabalhos “O adeus à pedagogia progressista” (1997a), “Condições pós-modernas: conseqüências para o campo acadêmico da educação física” (1997b), “Dispositivos biotecnológicos e a produção de corpos pós-humanos” (2003) e “Do copo máquina ao corpo informação: o pós-humano como horizonte biotecnológico” (2005), apresentados por

Lima, também constituem sistematizações que buscam fundamentos nas concepções pós-estruturalista e pós-moderna.

Nos dois primeiros, Lima (1997a; 1997b), apoiado em autores como Derrida, Foucault e Lyotard, pretende argüir sobre o esgotamento das perspectivas críticas para a educação física ante o ataque pós-moderno à “crise das metanarrativas”, especialmente a crise do marxismo. Segundo Lima, “para o pensamento pós-estrutural a partir, sobretudo, das contribuições de Foucault, a pretensão teórica de apreender o todo social e, por conseguinte, o apego epistemológico à categoria da totalidade, implica, inevitavelmente, um apego político ao totalitarismo” (LIMA, 1997a, p. 86). Desse modo, segundo o autor, à medida que as perspectivas críticas da educação física se apóiam em teorias universais como o marxismo, tornam-se totalitárias e, por isso, devem ser evitadas. Uma vez que o debate no âmbito educacional mais amplo e na educação física tem se apoiado nas “metanarrativas”, Lima (1997b) considera que tanto o pós-modernismo quanto o pós-estruturalismo têm muito a colaborar.

Os dois textos mais recentes (LIMA, 2003; 2005) tratam de discutir as novas tecnologias, como a cibernética e as ciências da informação, e a relação dessas com o corpo. O eixo norteador do trabalho é que as “fronteiras da modernidade”, as quais distinguem natureza e cultura, humano e não-humano, corpo e não-corpo, são dissolvidas no mundo pós-moderno, no qual ciência e tecnologia fundem o humano ao não-humano, o biológico ao tecnológico.

Para ele, os discursos de modificação tecnológica do corpo operam um “deslocamento na compreensão tradicional de corpo (concebido em termos de inteireza, naturalidade, originalidade, totalidade) que atesta uma flutuação do estatuto do corpo e sua obsolescência senão mesmo o seu desaparecimento enquanto corpo natural” (LIMA, 2003, p. 03). Diante disso, levanta a suspeita de que “as novas tecnologias, nos campos da informação, mídia e eletrônica e da biotecnologia parecem mesmo apontar para possibilidades de formas *pós-humanas* de existência – *pós-corpos*” (*Ibid.*).

Lima (2003; 2005) apóia-se na “arqueo-genealogia”, metodologia de orientação foucaultiana, como referência teórica porque, segundo ele, permite tratar as relações contemporâneas entre corpo e tecnologia ao nível das práticas discursivas, além de atuar na superfície, escavando a articulação do corpo com a história a partir da prática discursiva e dos enunciados dos dispositivos de poder. De acordo com o autor, as transformações que vêm ocorrendo com o corpo implicam uma modificação no próprio conceito de homem, isto é, “o conceito de ‘homem’ é deslocado em favor da idéia de ‘programa’, de ‘código’. Não mais o ‘homem’, mas uma matriz chamada ‘código genético’ ocupa o *centro* da nova formação discursiva”.

Entendemos que a temática da qual decorrem as discussões de Lima constitui polêmica de inteira relevância, pois é justamente na sociedade contemporânea que o desenvolvimento das forças produtivas permitiu o surgimento das novas tecnologias, a partir das descobertas científico-tecnológicas. Aliás, como afirma o autor, um desenvolvimento tal que pode nos deixar com a sensação de que não somos mais humanos. Entretanto, se a discussão do fenômeno das novas tecnologias é importante, as análises promovidas pelo autor provocam-nos a sensação de que o desenvolvimento dessas tecnologias ocorre natural e inevitavelmente conforme aumentam os conhecimentos científico-tecnológicos da sociedade de “capitalismo pós-industrial” – termo utilizado pelo autor para designar o modo de produção capitalista na contemporaneidade. Não há preocupação em conectar essas transformações com a materialidade que lhes dá vida, em perceber dialeticamente as novas configurações das relações de produção a partir da interação com o desenvolvimento das forças produtivas. Por mais que o autor afirme que o que permite a emergência de objetos e sujeitos são as relações estabelecidas entre

instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização, entendemos que isso não basta, pois ele não vincula os fenômenos das novas tecnologias com o trabalho historicamente concretizado pelo homem. A desmaterialização das transformações é reforçada tanto pela compreensão de que elas ocorrem por força dos dispositivos de poder da sociedade como pela escolha da linguagem como meio para compreensão dessas transformações. Se essas transformações não são vinculadas à materialidade que lhes fazem emergir, é possível que a linguagem com que operam passe à condição de instituidora das relações sociais, o que colabora para a perpetuação da condição unidimensionalizante da sociedade contemporânea (MARCUSE, 1967).

Desse modo, a análise promovida por Lima (2003; 2005) não nos permite pensar a construção de um corpo que não esteja aprisionado às teias da biotecnologia; conseqüentemente, não nos permite pensar um mundo diferente do estabelecido, parecendo mesmo que estamos aprisionados num emaranhado de jogo de poder à mercê dessas tecnologias. No limite, uma posição que positiviza a realidade e nos apresenta a idéia de que, conforme desenvolvem as forças produtivas, resta-nos compreender o fenômeno contemplativamente sem, contudo, aspirar nenhuma mudança radical na estrutura da sociedade contemporânea.

Outros estudos também ilustram a (con) fusão de conceitos que se faz presente na educação física, implicando em pesquisas subjetivistas, como é o caso de “Limiares trágicos da formação: riscos na experimentação docente de uma escrita”, de Silveria *et al.* (2005), e “O anarquismo epistemológico de Paul Karl Feyerabend: contribuições para o estudo da educação física”, de Veloso (2003). No entanto, dados os limites para este texto, remetemos os interessados à leitura do capítulo V da dissertação na qual realizamos o estudo.

Diante do exposto, é possível identificar na produção do conhecimento em educação física tendências que aceitam as seguintes premissas: a) impossibilidade do conhecimento a partir do paradigma sujeito-objeto; b) supervalorização da linguagem no estudo da realidade (giro lingüístico); c) desconfiança na objetividade e na verdade buscadas pelo conhecimento científico; d) crise das “metanarrativas” (teorias consideradas totalitárias e homogêneas); e) esgotamento do materialismo histórico-dialético; f) insuficiência da pedagogia crítica apoiada em teorias críticas da sociedade; g) identificação da racionalidade moderna (instrumental) com razão (autônoma), enfim, aceitação da idéia de crise dos princípios, dos valores e do projeto moderno da emancipação.

A fundamentação de tais idéias ocorre principalmente pela influência do pós-estruturalismo francês, a partir de autores como Deleuze, Gatarri, Derrida, Foucault, embora outras concepções – como é o caso da hermenêutica filosófica e do anarquismo filosófico – também sejam tomadas como referência. Mesmo não se anunciando como defensoras ou inerentes a uma concepção pós-moderna, os fundamentos e as idéias presentes nessas perspectivas impulsionam e reforçam a chamada “agenda pós-moderna” (WOOD, 1999).

Ao discutirmos a temática da ideologia pós-moderna e seus desdobramentos na educação física, reconhecemos seu caráter introdutório, uma vez que as primeiras discussões na área ocorrem no final da década de 1990. Poderíamos dizer que nossa intenção é advertir sobre os riscos em se apoiar em concepções teóricas que, por não considerar as contradições da sociedade contemporânea, podem promover análises desmaterializadas, e portanto superficiais, da realidade. Cientes de que a superação da sociedade atual é um processo histórico, não nos entusiasmos com a possibilidade de uma mudança rápida das condições objetivas de existência humana, pois, como alerta Adorno (2003), qualquer idéia e atitude que aja como se a derrota da sociedade atual

estivesse à vista traz algo de irracional. No entanto, posicionar-se favorável à superação de toda espoliação e repressão da sociedade capitalista, exige a retomada de uma concepção histórica e dialética, sob pena de, na primeira “crise” conjuntural, proclamarmos o fim da história e a crise de tudo (dos princípios, das teorias e dos valores tão caros à modernidade).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Resignação. In: _____. Sobre a indústria da cultura. Coimbra: Angelus Novus, 2003. Cap. 10.

ANDERSON, P. As origens da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRACHT, W.; ALMEIDA, F. Q. Mapeando o pós-moderno e sua absorção no âmbito da educação (física). In: _____. Emancipação e diferença na educação: uma leitura com Bauman. Campinas: Autores Associados, 2006.

FENSTERSEIFER, P. E. Conhecimento, epistemologia e intervenção. In: GOELNER, S. V. (org.). Educação Física / Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

_____. A linguagem em uma perspectiva hermenêutica e a atividade epistemológica na educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XIV. 2005, Porto Alegre. Anais em CD-ROM.

GOERGEN, P. Pós-modernidade, ética e educação. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

HARVEY, D. Condição pós-moderna. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HOBBSAWM, E. J. A era das revoluções: Europa 1789 – 1848. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. Era dos extremos: o breve século XX. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é o Iluminismo? In: _____. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 1995.

LIMA, H. L. A. de. O adeus à educação física progressista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, X. 1997a, Goiânia. Anais impressos.

_____. Contribuições pós-modernas: conseqüências para o campo acadêmico da educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, X. 1997b, Goiânia. Anais impressos.

_____. Dispositivos biotecnológicos e a produção de corpos pós-humanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XVIII. 2003, Caxambu - MG. Anais em CD-ROM.

_____. Do corpo-máquina ao corpo-informação: o pós-humano como horizonte biotecnológico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XIV. 2005, Porto Alegre. Anais em CD-ROM.

LYOTARD, J. F. O pós-moderno. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

NOGUEIRA, Q. W. C. Contribuições pós-estruturalistas para a educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XVIII. 2003, Caxambu - MG. Anais em CD-ROM.

SILVEIRA, T. T. *et al.* Limiares trágicos da formação: riscos na experimentação docente de uma escrita. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XIV. 2005, Porto Alegre. Anais em CD-ROM.

VELOSO, E. L. O anarquismo epistemológico de Paul Karl Feyerabend: contribuições para o estudo da educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XVIII. 2003, Caxambu - MG. Anais em CD-ROM.

WOOD, E. M. O que é a agenda “pós-moderna”? In: WOOD, E. M.; FOSTER, J. B. Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

Luís César de Souza

Endereço: Rua 37-A, Qd 22, Área 01, Residencial Valência, Apto. 103-E, Jardim Bela Vista, Aparecida de Goiânia – Goiás.

E-mail: lucceso@yahoo.com.br